

01 OLHAR ESTRANGEIRO / THROUGH OTHER EYES



“
Os portugueses são
doces e amáveis. /
The Portuguese
are kind
and friendly.
”

ROSA MONTERO

ESPAÑHOLA /
SPANISH

/// Há seis anos que a escritora madrilenha se refugia em Cascais para escrever. Durante meses, fecha-se em casa com as suas cadelas e vive “uma pequena e maravilhosa vida de selvagem”.

/// For six years now, this writer from Madrid has withdrawn to Cascais to write. For months, she shuts herself away at home with her dogs and lives “a marvellous, wild little life.”

por / by JOANA STICHINI VILELA
foto / photo ENRIC VIVES-RUBIO

No condomínio de Cascais onde passa alguns meses por ano, ela é conhecida como “a senhora das cadelas”. No resto do mundo, é Rosa Montero, premiada escritora e jornalista. Dois atributos que na conta de Twitter oficial aparecem seguidos de dois outros, de enfiada, “protetora dos animais, sobrevivente (por enquanto!)”. Nas entrelinhas, lê-se um quinto predicado, o humor. Inseparável das cadelas Bruna e Carlota, a primeira uma teckel já velhinha, a segunda uma rafeira preta e branca que resgatou de um abrigo, foi também por causa delas que a madrileña, agora com 64 anos, esco-

lheu Portugal como porto de abrigo.

“Há mais ou menos 12 anos, passei por um período de desespero e saturação em relação ao meu próprio país. Acontece-me de vez em quando: às vezes desespera-me a situação espanhola.” Podia ser o início de mais um romance, como *História do Rei Transparente*, que, em 2005, ganhou o prêmio Quê Leer para melhor livro publicado em Espanha. Na verdade, é o princípio da sua história com um apartamento em Cascais, subúrbio chique de Lisboa, seu “refúgio”, “ilha perdida”, “hospital”.

A narrativa ganha corpo onde começa o último livro que lançou em Portugal, publicado em Espanha em 2013, *A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver-te*, um volume híbrido, escrito em torno da morte do marido, Pablo, e do diário que Marie Curie escreveu depois da morte do marido, Pierre. Recapitulando: Rosa Montero estava zangada com Espanha, procurava um apartamento no estrangeiro, ainda pensou em Londres, que sempre a fascinara, mas depressa desistiu por causa das viagens de avião a que obrigaria os cães, até que se lembrou de Portugal, país que adorava, com uma capital próxima de Madrid por estrada, e um condomínio em construção em Cascais – conselho do irmão, que vivera 15 anos por estas bandas.

“Entregaram-me o apartamento quando o meu marido estava quase a morrer. Faleceu em maio; nesse verão vim para Cascais, móbi-lei o apartamento, vivi aqui. Era uma casa nova e sem recordações, um apartamento cheio de luz e de ar, alegre, bonito. Tem ótimas vibrações, tem feng-shui, se isso realmente existe. O apartamento salvou-me a vida nessa altura e continua a salvar-me. Às vezes chamo-lhe ‘o meu hospital’. É um lugar de uma beleza limpa e serena que me cura. E, claro, um lugar perfeito para escrever.”

É difícil cortar a palavra a Rosa Montero. Trocar emails com ela é como correspondermo-nos com os seus livros de ensaios, de que *A Louca da Casa* é o exemplo mais conhecido. Queremos ouvir o que tem a dizer, saber o que pensa de nós, sentir a acutilância na pele. Mas, por uma vez, ela não quer ser acutilante. Nem crítica. Nem se-

En the Cascais condominium where she spends a few months every year, she’s known as “the lady with the dogs”. In the rest of the world, she’s Rosa Montero, prize-winning writer and journalist. These two characteristics are quickly followed on her official Twitter account by two more, “animal welfare, survivor (so far!)”. Between the lines, there’s also a fifth – humour. She’s inseparable from her dogs, Bruna and Carlota, the first an elderly Dachshund and the second a black and white rescued mongrel. It was also because of them that the 64-year-old Spaniard chose Portugal as her haven. “About 12 or so years ago, I went through a desperate patch, fed up with my own country. It happens from time to time: sometimes I despair at the Spanish situation.” It could be the beginning of another novel, like “*Story of the Transparent King*” which won the Quê Leer prize in 2005 for the best book published in Spain. In fact, it’s the beginning of her story about her apartment, her “refuge”, “hideaway island” or “hospital”, in Cascais, a chic suburb of Lisbon.

The story gains speed at the beginning of her last book launched in Portugal, “*The Ridiculous Idea of Not Seeing You Again*,” published in Spain in 2013. This hybrid volume is about the death of her husband, Pablo, and the diary written by Marie Curie after the death of her husband, Pierre. To recap, Rosa Montero, angry with Spain, was looking for an apartment abroad, considered London which had always fascinated her, but quickly abandoned it because of the plane trips the dogs would have to take. Then she remembered Portugal, a country she loved, its capital close to Madrid by road, and an apartment block under construction in Cascais – a recommendation from her brother, who’d lived there for 15 years.

“They handed me the keys when my husband was dying. He died in May; that summer I came to Cascais, furnished the apartment and lived here. It was a new house, no memories; a light and airy apartment, happy and pretty. It has excellent vibes, feng-shui if that really exists. The apartment saved my life at the time, and indeed it still does. I sometimes call it ‘my hospital’, a place of pure, serene beauty which heals me. And of course, it’s the perfect place to write.”

It’s difficult to interrupt Rosa Montero. We corresponded by email about her book of essays, the most famous of which is “*The Crazy Woman at Home*”. We want to hear what she has to say, what she thinks about us, experience for ourselves her sharpness. But on this occasion, she doesn’t want to be sharp, or criticise, or even make observations. “I’m certain you Portuguese have faults, sure, but I don’t want to find them.” And she laughs, in writing. In Portugal, she wants to “enjoy this marvellous sensation of being a foreigner, and thus living free from the worries, angers and concerns that our own country always causes us.” She prefers to focus on

O PARAÍSO / PARADISE

🍷 Comer bruxas no Mar do Inferno parece programa para Halloween ou, pelo menos, filme fantástico. É apenas uma questão de nomenclatura. No sul de Portugal, bruxas são também um tipo de marisco, bastante raro por sinal, e um dos favoritos de Rosa Montero. Um dos melhores restaurantes para se deliciar fica sobre o mar, na conhecida Boca do Inferno, em Cascais. E o nome, afinal, não engana: Mar do Inferno.

🍷 Eating ‘bruxas’ (witches) in the Mar do Inferno (Sea of Hell) sounds like a Halloween programme, or at least a fantasy film, but it’s only a matter of names. In the south of Portugal, ‘bruxas’ are also a type of shellfish, actually quite rare, and one of Rosa Montero’s favourites. One of the best places to enjoy them overlooks the sea, at the well-known Boca do Inferno (Hell’s Mouth) in Cascais.

www.marodoinferno.com



III Em Cascais passa várias vezes pela Casa das Histórias Paula Rego. “Encontrei nela um espírito afim, essa mistura de crueldade e ternura, traço grosso e detalhe, humor e tristeza.”
III When in Cascais she often visits the Paula Rego Story House Museum. “I found in her a kindred spirit, a mixture of cruelty and tenderness, broad lines yet detail, humour and sadness.”

quer observadora. “Tenho a certeza de que vocês [portugueses] têm defeitos, a certeza, mas não quero encontrá-los.” E ri-se, por escrito. Em Portugal quer “gozar dessa sensação maravilhosa em que consiste ser estrangeiro e, portanto, livre das angústias e das fúrias e das preocupações que nos causa sempre o nosso próprio país”. Prefere concentrar-se no que lhe agrada, na “boa educação”, “no afeto”, “nessa coisa doce e amável que vocês têm”. Fala em respeito pelo outro, num temperamento mais Atlântico (“o Mediterrâneo é mais promíscuo, mais zaragateiro”). “Vocês são mais civilizados, até com os animais.” E, por isso, para ela, Portugal será sempre como uma Espanha ideal (“porque no fundo somos muito parecidos”), sem nada de mau.

A ALMA LUSITANA

Esta relação já é antiga. Lisboa (“belíssima”), Porto, Coimbra, Alentejo. Vai enumerando os lugares por onde foi passando ao longo da vida e sublinha o Buçaco, tanto a Mata Nacional como o Palace Hotel, traços largos entre Coimbra e Aveiro, “um lugar especial onde vivi coisas bonitas”. Portugal é também um país de referências. Descobriu a pintora Paula Rego no Museu Rainha Sofia, em Madrid, e agora, quando está em Cascais, passa várias vezes pela Casa das Histórias Paula Rego. “Encontrei nela um espírito afim, essa mistura de crueldade e ternura, traço grosso e detalhe, humor e tristeza”, explica. Depois, o poeta Fernando Pessoa, “um dos pais da modernidade literária”, a escritora Lídia Jorge, com quem aprende sempre muito, e a música. Rosa Montero não sabe bem explicar como nem porquê, mas há 40 anos que segue a música portuguesa. Surpreende com um rol de favoritos, dos fados clássicos a Rodrigo Leão e Madredeus, passando por nomes mais alternativos como Dazkarieh e O’queStrada. “Muchísimos, vaya.”

Hoje, quando chega a Cascais, os amigos portugueses sabem que vem para trabalhar e não a incomodam. Aproveita e vive “uma pequena e maravilhosa vida de selvagem”. Não se pinta, não usa lentes de contacto. Só sai para passear com as cadelas junto ao mar ou para ir até ao centro da vila. O apartamento, com uma bonita vista para a baía, fica nos arredores. Ninguém a reconhece e ela gosta disso. De resto, um pouco de ginásio e a escrita. Foi por cá que acabou *Lágrimas na Chuva* (2012) e que escreveu parte de todos os outros depois desse, incluindo o último, um thriller que assinala o regresso da detective Bruna Husky, *El Peso del Corazón*.

De partida para Espanha costuma jantar com os amigos no “maravilhoso” restaurante Mar do Inferno, situado no seu lugar favorito, a Boca do Inferno. Come “deliciosas” bruxas, bebe um bom branco e despede-se de Cascais, “refúgio pessoal”, lugar “tão íntimo” que talvez por isso não tenha entrado nunca em nenhum dos seus livros. ☞

what pleases her, the “politeness”, the “warmth”, “this sweet and pleasant way you have”. She speaks of respect for others, of a more Atlantic nature (“The Mediterranean is more promiscuous, more gossiping”). “You’re more civilised, even towards animals.” Which is why, for her, Portugal will always be like an ideal Spain (“because deep down we’re very similar”) with nothing bad.

LUSITANIAN SOUL

The relationship is long-standing. She lists the places she’s visited during her life – Lisbon (“really beautiful”), Porto, Coimbra, Alentejo – and highlights Buçaco, both the National Forest and the Palace Hotel. Roughly between Coimbra and Aveiro, it’s “a special place where I experienced great things”. Portugal also sets the trends. She discovered artist Paula Rego in the Reina Sofia Museum in Madrid, and now when in Cascais she often visits the Casa das Histórias Paula Rego museum. “I found in her a kindred spirit, a mixture of cruelty and tenderness, broad lines yet detail, humour and sadness”, she explains. Then there’s the poet, Fernando Pessoa, “one of the fathers of literary modernity;” the author Lídia Jorge, from whom she always learns a lot; and music. Rosa Montero can’t really explain why, but she’s followed Portuguese music for 40 years now. Her list of favourites is surprising, from classic fado to Rodrigo Leão and Madredeus, including more alternative names such as Dazkarieh and O’queStrada. “Oh, there are lots.”

Today, on arriving in Cascais, Portuguese friends know she comes to work, so don’t bother her. She takes advantage of this and lives “a marvellous, wild little life.” She wears neither makeup nor contact lenses, only going out to walk the dogs near the sea or go into town. The apartment, its lovely view overlooking the bay, is on the outskirts. No-one recognises her, which she likes. Otherwise, just a bit of gym and writing. She finished *Tears in Rain* (2012) here and has written part of all the others since then here, including the last, *Weight of the Heart*, a thriller seeing the return of detective Bruna Husky.

Before returning to Spain, she usually dines with friends at the wonderful *Mar do Inferno* restaurant, at her favourite place, *Boca do Inferno* or Hell’s Mouth. She chooses “delicious” bruxas, or witches (Mediterranean slipper lobsters), and a fine white, then bids farewell to Cascais, her “personal refuge” and “really private” place. Perhaps because of this it has never featured in any of her books. ☞

UM ESPÍRITO AFIM / KINDRED SPIRIT

III Rosa Montero tirou as notas finais para o livro *A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver-te* num caderno comprado na Casa das Histórias Paula Rego, um dos sítios a que volta de cada vez que está em Cascais. A pintora portuguesa radicada em Londres é uma das pintoras contemporâneas de que mais gosta, “talvez mesmo”, escreve Montero, “a minha preferida”, um “espírito afim”.

www.casadashistoriaspaularego.com

III Rosa Montero made her final notes for her book, *The Ridiculous Idea of Not Seeing You Again*, in a note book bought at the Paula Rego Story House Museum, one of the places she visits every time she’s in Cascais. This Portuguese painter, resident in London, is one of the contemporary painters she admires most, “perhaps even my favourite”, Montero writes, “a kindred spirit.”



© Mónica Cardoso